

QUINTA-FEIRA

Heloísa Melo

E FOI ENTÃO, em uma quinta-feira qualquer, que tudo mudou. Você mudou, eu mudei, nós mudamos. Mudamos tanto que ficamos irreconhecíveis, como se o tempo tivesse esculpido novas versões de nós mesmos, e as antigas, aquelas que eram só um, desapareceram. Antes, éramos apenas um, juntos, inseparáveis, flutuando nas nuvens de um amor imenso, onde tudo parecia possível, onde o mundo conspirava para que nossos passos fossem sempre na mesma direção. Nos amávamos com uma intensidade que ninguém jamais entenderia, como se nosso amor fosse a única verdade do universo.

O tempo trouxe o selo de Saturno, nossas alianças que simbolizavam o compromisso eterno, mas, como o vento, que em sua natureza imprevisível arrasta tudo sem aviso, elas foram levadas, uma a uma, até desaparecerem. O calor que antes aquecia os nossos corações agora cedeu lugar ao frio. O frio, que invadiu os corredores da casa e, sem perdão, se instalou em nossos corações. O vazio tomou o espaço onde antes havia risos e promessas.

E foi então, em uma quinta-feira qualquer, que o silêncio se fez, pesado e profundo, entre nós. O que antes era um só, agora não passava de duas almas perdidas, vagando no abismo da solidão. Nos olhamos pela última vez, sem palavras, com os olhos carregados de dor, mas com um alívio secreto, como quem percebe que a batalha já acabou. Dissemos adeus ao que construímos juntos, ao que um dia foi nossa verdade, e decidimos, em um gesto de coragem, que éramos melhores sozinhos. E, assim, o amor que um dia nos uniu se desfez nas sombras, enquanto o vento sussurrava ao longe, como se soubesse que até os melhores amores podem se perder no tempo.